

# O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAS.

Editor e proprietario A. Azevedo.

ANNO II.

Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se, a 23000 por trimestre, na typographia do Paiz, Largo de Palacio n. 17.

NUMERO 3.

## O DOMINGO.

MARANHÃO, 26 DE JANEIRO DE 1873.

### Estatua de Gonçalves Dias.

Entenebrecem-se os horisontes das folhas mais lidas desta cidade. O *Publicador* e o *Paiz* começam de ameaçar ruínas, e a estatua do nosso primeiro poeta lyrico, que deveria ser collocada no seu logar sem grandes fallatorios, vem dar ázo á imprevisas tempestades.

De permieiro com estes dois campeões illustres da opinião publica, não vimos advogar a causa de nenhum—por nada ter que advogar, e entrando na questão por ambos agitada e que vai tomando algum vulto nos animos geraes, é nosso fim espalatal-a pelo seguinte theor:

Primeiro que tudo trata-se de saber si já ha dinheiro para a erecção do monumento. Si já, metam-se mãos á obra; e quanto a estatua, colloque-se de harmonia com a vontade geral, visto que ella é do publico, e de conformidade com o personagem que ella representa.

O ficar de costas para o mar e frente para as casas dos Srs. commendador Bel-tort e Marques Rodrigues, é uma questão secundaria; e assim pense cada um a respeito como quizer.

Pede porem a verdade que se diga—á

### FOLHETIM DO DOMINGO.

#### Regeneração e honra.

(Semi-romance).

Á MEU AMIGO A. AZEVEDO.

(Vol. II 2).

VI.

Tem decorrido doze annos depois dos acontecimentos que acabamos de narrar.

Em Pernambuco, e na mesma casa em que vimos Rosinha e a menina Julia, ainda moravam ellas.

Julia, porem, é uma moça de desessete annos: uma virgem bella e seductora. Nunca se separou das suas duas mães.

Rosinha ainda está moça, tendo sido sempre

despeito da opinião dos illustres Srs. Dr. Real e Porto-Alégre, que a frente da estatua deve, por todos os motivos, olhar para o mar, que é a frente do largo.

Em questões de gosto, a disputação e sempre frivola, e pelo que respeita a regras de arte, si formos atraz dos seus rigores, damos com tudo em pantanas. E' raro, rarissimo até, encontrar-se um monumento seja de que natureza for, que sob esse ponto de vista não tenha defeitos.

Ha no Rio de Janeiro algumas estatuas: que nos recorde, todas ellas estão collocadas de harmonia com a frente de seus largos.

Camões, de quem o poeta em questão é um digno emulo, lá está n'uma praça central de Lisboa, e ainda assim a sua frente está voltada ao Tejo. D. José 1.<sup>o</sup>—estatua equestre colossal, uma das primeiras da Europa, fita tambem o oceano, e a de Bocage, em Setubal, cremos que tem esta mesma direcção.

Vê-se pois, que, si formos atraz de exemplos, todos nos indicarão o que a razão aconselha, e o que parece mais conveniente com o vulto no marmore esculpura-do.

Um poeta, quando elle o é na acepção da palavra que o denuncia, não é nenhuma bagatella; é um ente privilegiado. No seu peito, de envolta com os sentimentos

um modelo de mãe do familia. Teve uma unica filha, que hoje conta dez annos de idade.

Sophia, a desditosa Sophia—é a mulher regenerada e que tanto tem chorado o seu erro.

Julia está para casar-se. E' o noivo um rapaz que de pouco chegou á Pernambuco, e que d'ella se captivou.

Devemos logo dizer ao leitor quem elle é:

Cama-se Alfredo de Vasconcellos e é amigo o socio de Alfonso d'Andrade.

E' um bello rapaz de vinte e cinco annos de idade.

Dentro em pouco dias que havia visto Julia, pediu-a din casamento.

Accepto por Sophia, Rosinha o seu marido disseram ao noivo que, visto ir ligar-se á essa moça, cumpria-lhes descobrir-lhe um segredo ignorado de todos, mas que lhe devia ser manifesto.

que lhe divinizam o cerebro, engolfam-se todos os esplendores da natureza. Nos arroubos do sua alma existe a manifestação do que ha de sublime no seu organismo; e as sublimidades de seu estro não podem, por modo algum, medir acanhados recintos.

E' pois necessario que a estatua do poeta olhe para a vasta solidão dos mares que lhe são tumulo, e que a sua frente espaçosa, onde o dedo de Deos imprimiu o canho do genio, não tenha por limites quatro casas mal architectadas.

Na sua attitude scismadora e devorante, a posição do poeta deve ser d'aquellas de se lhe pôr nos labios—*a mim o espaço, a mim a luz, a mim o mundo*—; porque o espaço, a luz e o mundo foram por elle comprehendidos, e estes tres grandes objectos não podem admittir raias.

Collocar o vulto do poeta de costas para o atlantico, é pôr o fóra da natureza que elle tanto amou, é apartal-o dos quadros que o inspiraram, é, em summa, occultal-o de todas as bellezas que a sua lyra celebrou e que vivem immorredouras nos seus cantos immortaes.

Um poeta, quando elle se chama Gonçalves Dias, é uma creatura predestinada; vive, mas não vive como nós outros simples mortaes; e quando desaparece da face da terra, é quasi sempre antes de

Esse segredo era o nascimento de Julia. Contaram-lhe todo.

A revelação foi feita mesmo em presença da moça, que avergonhou-se, ouvindo a historia de seu nascimento.—Não tinha pae! Só então o soube ella!

—Não importa, D. Julia, disse Alfredo; o que val isso? não teve pae; mas terá um esposo que amal-a-ha extremosamente.

—E julga-me mesmo assim digno do Sr.?

—E porque não?... não a julgaria se sua mãe não tivesse sido seduzida, e sinão se regenerasse. Ella não é criminosa, e devo merecer todo o conceito.

Fôra Alfredo a primeira pessoa a quem era revelado este segredo.

(Continúa.)

A. Britto.

tempo, porque o seu involucre material, como um cadinho de argila, não resiste ás tempestades que lhe vão dentro, motivadas por um espirito de fogo.

Sobranceiro á natureza, o poeta lê o que diz nos arcanos do céu; seus olhos d'agua fitam e observam todos os esplendores, e, n'um momento dado, a impressão, que lhe capta o grande espectáculo da natureza, é por elle manifestada em estrophes magnificas, que abrangem mundos e atravessam seculos, excitando a admiração geral, e chamando a si as sympathias do mundo litterario.

Collocar, portanto, a estatua do homem que assim vê e lê no espaço—de costas para esse espaço, é uma incoherencia inaceitavel, e que toca ao absurdo si muito teimarem nella.

Esperamos que a nobre commissão não tome nossas palavras em sentido offensivo, e que, de accordo com a vontade geral, erga o monumento do nosso grande poeta não contrariando tambem o Sr. De Leal a quem elle se deve, que será o primeiro a concordar com este desejo que actúa no animo de quasi todos os seus conterraneos.

### O filho do carpinteiro.

TRAD. POR AMÉRICO GARBALDI.

#### I

A pouca distancia da barreira de M... ergue-se uma casa branca, de quatro andares, e de modesta apparencia: encerra uma quinzena de habitantes, que em uma outra parte, que não fosse Paris, admirar-se hiam de se ver reunidos sob o mesmo tecto.

O primeiro delles é o proprietario, antigo mercador de meias, que se retirára do commercio e resolvera occupar o primeiro andar de seu sobrado para desfructar, sem cuidados, a fortuna que lhe deixára o negocio.

No segundo andar morava uma antiga dansarina de opera, que, não tendo tido a felicidade de viver nesta epocha em que se aprecia tanto, nos theatros, a perfeita circumferencia de uma perna, e reduzida á um magro rendimento, cahira das alturas como um passaro.

No terceiro—um dos lados era occupado por um sujeito de meia idade, caixeiro de um banqueiro da *Chaussée d'Antin*; e o outro por um excellente velho,—homem de penetração e distincto musico; mas, sobretudo, bom amigo.

O quarto andar era dividido em muitos compartimentos; habitavam-no—uma

modista, um sapateiro, uma criada e um carpinteiro de numerosa familia, composta da mulher e cinco filhos.

Uma noite em que eu preparava-me para bater á porta de Muller, o musico do terceiro andar, um rapasito de treze annos, que havia subido commigo, parou e disse-me:

—«O Sr. Muller sabio, Sr., si quer esperar-o... não ha de tardar muito.

—«Esperar! é bom de dizer! Estamos em fevereiro e o frio está de rachar.

E decendo alguns degrãos, continuei:

—«Agradeço-lhe a sua informação, meu amiguinho; mas—com o tempo que faz—não posso esperar no corredor; voltarei amanhã...

—«Se quer esperar em nossa casa... sempre é melhor que aqui, e não seria bahlada a sua viagem.

Enquanto assim me fallava o menino, eu observava-o attentamente.

Tinha a phisionomia intelligente; denotava nos olhares vivos—doçura e fieldade: as mãos mais pareciam pertencer á um fidalgo que á um pobre filho do povo; tudo isto contrastava tão tristemente com o seu vestuario grosseiro, que não pude reter um suspiro, e segui-o fascinado, mais para satisfazel-o, que para esperar Muller.

Era o mais velho dos filhos do carpinteiro do quarto andar.

Ao abrir a porta da mansarda, disse:

—«Minha mãe, é um amigo do Sr. Muller... pedi-lhe que entrasse para cá para esperal-o mais commodamente e sem tanto frio.

—«Pois não: entre, meu Sr.—queira sentar-se.

E depondo sobre o sobrado o mais novo dos filhos, á quem acabára de mamantar, a mulher do carpinteiro aproximou uma cadeira do velho fogão, que afeçon.

—«Isto ha de aquecel-o... pelo menos os dedos.

Agradecei-lhe. Enquanto a pobre mulher tentava disfarçar melhor a desordem que reinava ao redor della, eu lancei uma vista furtiva ao que me cercava.

Tudo quanto a miseria pôde impor de cruel, estava estampado naquella triste morada. Não havia porta que indicasse algum outro compartimento: a familia inteira devia dormir allí: haviam duas enxergas somente!

Sobre uma velha meza, estava preparada a ceia: esperavam sem duvida o carpinteiro. Resumia-se esta ceia em pão, queijo e salada, sobejos—talvez—da co-

mida da vespera. Tres crianças contemplavam-na ávidamente.

Eduardo, com a fronte baixa e com o ar melancolico, arrependia-se talvez de meter feito aceitar hospitalidade para testemunhar-lhes a miseria. Felizmente subtrahiu-o ás suas cogitações, fallando-lhe de um objecto que percebi dependurado de um prego: uma rabeca.

—«Oh! temos por cá algum rival do meu amigo Muller?...

—«Apenas um discipulo, e um discipulo reconhecido.

—«Pelo que vejo, é o menino.

—«Sim senhor, é elle, respondeu-me a mãe, que pareceu recuperar mais animo; e si o céu abençoar os seus desejos, daremos ao seu amigo a nossa felicidade.

Ao dizer estas palavras, foi interrompida pelo carpinteiro, que entrava e as ouviu:

—«Felicidade! disse elle arrumando á um canto com os pés varios instrumentos da sua profissão; trabalhando-se e tendo-se confiança no futuro, pode-se um dia alcançal-a; d'outro modo—não. Desde amanhã quero que Eduardo comece um novo aprendisado mais trabalhoso, porém—mais util, e esqueça o officio do vadio, ao qual obrigam-no, a meu pezar.

—«Desculpe-nos, meu senhor, disse a velha, procurando calmar a tempestade; meu marido, ao entrar, não reparou no Sr., e suppoz-se em plena familia, onde não costuma economisar seus termos rudes e grosseiros.

Então ella explicou ao marido por que me achava allí: o bom homem começava uma serie de desculpas, quando Muller mandou-me dizer que estava a minha espera.

Muller era o bemfeitor de Eduardo, razão pela qual jamais fallou-me do seu discipulo; mas—nesse dia—provoquei eu mesmo o assumpto da conversação. Fallámos muito de Eduardo, e o meu amigo, que o amava como a um filho, confirmou e approvou a bôa opinião que eu tinha feito delle.

Adverti-lhe da disposição do carpinteiro acerca do rapaz e perguntei-lhe si—realmente—da rabeca lhe podia vir uma profissão rendosa.

Muller respondeu-me affirmativamente; ha quatro annos era seu mestre e tantos progressos fez o rapaz, que descobriu-lhe uma decidida vocação para a musica. Já mesmo elle se tinha occupado em prevenir alguns recursos, para evitar a realisacão das ameaças do pae.

A conversação se havia prolongado; era tarde; Muller prometteu-me uma visita e sapparemo-nos.

(Continúa.) Th. Midy.

## Carta II.

### COMPADRE CHICO DA MINHA ALMA.

Saude, paz e patacas—é o que lhe desejo para todo o sempre, amen.

Saberá que recebi sua cartinha a qual veio chamar minha reminiscencia para a nossa boa terra, d'onde bem longe andava, atrapalhado o juizo com tantos diachos de cousas d'aqui da cidade.

O diacho da comadre, com perdão da palavra, foi quem deu no vinte, que effectivamente isto de cidade é uma Babilonia capaz de perder um santo.

—Olhe que não é caçoada, não; e si quer ver com os seus olhos, largue a choca, dê um pulinho cá, e hade dizer por força:—O compadre Estanislão fallava com o coração na mão.

Bonds, figuras de cêra, realejos, musicas, cantos, chás e mil outras trapalhadas põem um homem de boca aberta. Os bonds cecão ! ! . . .

Si quer comprehender bem o que é um bond, venha cá, como já lhe disse; mas si se contenta com uma descripção, ouça:

É um carro grande, maior que o seu, de conduzir algodão da roça, com quatro rodas de ferro assentadas em duas tiras do mesmo metal—fincadas no chão, e puchado por quatro burros, não fallando nos emrogados. A mesa é guarnecida de bancos, e por cima, sobre um toldo á semelhança dos usados nas canoas dos regatões dos rios.

Cada bond tem um cocheiro e um conductor.

Soca-se dentro um povão da nossa morte; um homem apita, sôa o chicote no dorso dos animaes, e a gente, mediante 200 reis, moeda corrente, parte n'uma desfilada deliciosa. A carreira é d'uma velocidade incrível; todavia si V. vier alguma vez á cidade, e tiver pressa, mais vale montar n'um jaboty. Excepção desta regra, apenas lhe posso apontar uma viagem á estação, emprehendida ás 6 horas da manhã, e terminada ás 6 h. 10<sup>as</sup> . . . da tarde, bem entendido.

Den isto causa ao facto que lhe vou contar, e do qual peço não se ria, para não me mortificar:

Apologista dos bonds, não obstante o contratempo citado, quiz-me prevenir contra a eventualidade d'uma viagem de 12 horas, mandando preparar alguma papan-

ça no hotel onde me acho, para conduzir commigo. Biqueiro, como sou, por meus padecimentos de estomago, bastarão-me uns dose kilos de carne, e porção equivalente do farinhaço. Entre parenthesis: (o kilo é um peso da ultima moda em substituição da libra que dizem era já caduca e decrepita). Mettidos os viveres n'um cesto, dirijo-me fantasiando delicias para o Largo do Carmo, a esperar um bond. Passa, faço-o parar, e quando ia á entrar, sinto-me agarrar pelas abas do sobrecasaco, ao mesmo tempo que o individuo que tal fazia, murmurava-me palavras em uma lingua desconhecida, que presumi latina ou grega. Não entendendo, quiz livrar-me d'elle, buscando entrar no carro com o precioso fardo.

O homem apontou para este, e eu conjecturei que, advinhando o conteúdo, pedia-me um bocado; dispunha-me a satisfazê-lo, quando elle, impaciente, toma-me violentamente o cesto, e arremessa-o ao chão. Derramou-se a minha provisão, o povo rompeu em gargalhadas e apupos suscitados por mim, o bond segue; eu fico com cara d'asno, vendo o meu aggressor e tyranno desapparecer no bond, de cuja companhia eu suba ser o director; tendo sido o seu intento obstar que eu entrasse com o cesto.

Não se ria, compadre—que o caso é para chorar !

Desde esse dia fatal, não se me arrefeceu o entusiasmo pelos bonds; porém adoptei o alvitre de só conduzir no bandullo, como lugar seguro, as provisões de que houvesse mister para a viagem.

Remato as noticias sobre os bonds notando a sua ignorancia em comparal-as com *meeting* e *toilette*; nomes cuja verdadeira significação ignoro, mas que supponho serem de uns paizes situados p'ras bandas da Alemanha, ou Egypto, que vem a ser a mesma cousa.

Agora fallar-lhe-hei das figuras de cêra: Vi-as uma vez, e, palavra de honra, não as achei mal acabadas, não. O que porém não me sahe da cachola, é que aquellos bonecrões do tamanho de V. são por força figuras de judas recrutadas pelo dono antes de serem queimadas. Entretanto elle mostra attestados de identidade das pessoas que representão as figuras, certidão de idade, naturalidade e filiação.

Ha no grupo um tal Bismark, grande orador hespanhol; Emilio Castelar, chanceler, da Alemanha, Moltk principe herdeiro da Prussia, Napoleão 3<sup>o</sup>, pae deste, Rei Guilherme, Imperador dos Francezes, afóra um punhado de gente celebre, morta

a fome em Madrid pelos annos de 1811, em consequencia do diluvio universal.

Em quanto aqui vemos representados em calungas de cera os homens da Europa, trata-se na nossa provincia da collocação da estatua do poeta Antonio Gonçalves Dias, autor, segundo me consta, de muitos versos bonitos, inclusive aquelle

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o sabiá & c.

do qual tanto gosta a comadre, e eu não desgosto não obstante ser avesso a esse genero de litteratura, principalmente o de pé quebrado. A minha predilecção foi sempre pelas obras de philosophia e jurisprudencia, como a historia do imperador Carlos Magno, João de Calais, Donzella Theodora, Princeza Magdalena, e os Serções d'um Convento, obras de que tenho grande copia na minha bibliotheca.

A estatua, pois, vae erigir-se nos mais proximos cincoenta annos, desejando eu muito presenciar o acontecimento, porque, alem do natural regosijo, é signal evidente da minha longevidade.

Entretanto preparão-se já as obras accessorias, e no largo dos Remedios achase já prompto o pedestal da estatua, cujo adiantamento V. pode apreciar por este desenho.



O resto, que quasi nada é, far-se-ha quando houver dinheiro; e o dinheiro quando Deus quiser, que é quem manda tudo. Que diz, compadre?

Respeito ás rixas dos partidos—tenho a dar-lhe este conselho: não se metta com os graúdos, e deixe-os esgatahiarem-se á vontade, que elles lá são brancos e comem o seu toucinho. Metta-se no seu canto, trabalhe com sua mulher, e seus filhos, que o resto é por minha conta.

Eu tambem já fui tolo n'outro tempo; mas jurei nunca mais metter-me em politica, desde que o patife do Manduca Ribeiro teve o desafôro de chamar-me *individuo*, n'uma folha publica, sem respeito á constituição politica do imperio, e ao direito internacional, que nos regem !

Por essa mesma razão fiquei abominando as gazetas, e não quero saber de taes trastes.

Recommendo-lhe muito que não castre

o novilho torino comprado ao Zé Pereira, pois eu pretendo tirar raça com a vitela preta; diga-me si o meu poltro baio já está ensinado; e si a comadre e a porca cega já tiverão cada uma o seu bom successo, e no caso affirmativo quantos bacorinhos teve a porca. Mando sevar um, que pelo Natal ali estarei para comel-o (o bacorinho, bem entendido, que dos enganos é que comem os escrivães).

Recommende-me á comadre, abençõe o Chiquinho e accete um aperto de mão do compadre

*Estanislão.*

### O sino d'ouro da Sé.

E' noite lobrega; o sino  
o sino d'ouro da sé  
dá lachaladas soturnas  
chamando ás preces nocturnas...  
quem chama o sino? quem é?...  
Pois d'estas cryptas sombrias,  
d'estas funerarias trinas  
quem se levanta? quem vê  
coar-se o raio divino  
da luz das mysticas lampas  
pelas janellas do templo,  
como o olhar casto da fé?  
Só se das marmoreas campas  
resurgem por horas mortas  
os herões de cem batalhas,  
maifregos de cem procellas  
da sorte nos invios mares,  
e vão depor nos altares  
em vez de magdas vellas  
ensanguentadas mortallas.  
Sino d'ouro, tange, tange!  
dobra o planger dos seus brados,  
que se o teu som se refrange  
nos ecos da solidão,  
se das abobeadas rotas  
que estão calhando a pedaços  
te responde o fuzilão,  
talvez que nos heros d'Ormuz  
de Chaut, Dia e Ceylão,  
quebres o sello da morte  
e accordes o coração.

Erão tão grandes, tão fortes!...

Poderam com tantas magoas,  
e ganharam tanta gloria  
sobre a terra e sobre as aguas,  
e são tão vivos na historia...  
Tange, sino d'ouro, tange,  
na velha torre da sé,  
que a tua voz inda abrange  
um grande imperio, onde ha fé.  
Por todo o paiz da aurora  
á tua voz reverente  
se descobre, para e ora  
o immenso povo christão;  
a tua voz inda soa  
desde as ruinas de Goa  
até o florvo Japão.  
Desde Timor a Pekim,  
de Guserate a Ceylão,  
de Madrastra a Bombaim,  
soa sempre, e só desmaia  
nas planuras do Hymalaia,  
do sul nos mares sem fim!

Meu Deus! eu tenho provado  
o calix envenenado  
de quanta tristeza existe  
no mundo e na solidão,  
mas nunca uma voz tão triste  
me bateu no coração.  
A noite chuvosa, escura,  
a estreita cella que habito  
n'este palacio-clausura;  
este silencio profundo,  
que só quebra ao longe o grito  
d'alguem chucal vagabundo;  
esta janella entre aberta  
por onde me vem perfumes  
de selvadica floresta;  
d'onde eu vejo, além, o mar,  
um arco ali... o que resta  
da necropole deserta,  
e milhões de vagalumes  
estrellejando o palmar!  
E no vestigio que morre,  
na solidão que recresce,  
da alta ventania da torre  
chamando a nocturna prece,  
a voz do sino que brande  
ais de dor na solidão!...

Nunca tristeza tão grande,  
me entrou pelo coração.

Vim assistir ao desabar da gloria!  
Ter de mostrar ás tribus estrangeiras  
por todos os brazes da nossa historia,  
só desertos, ruinas e caveiras!...

Cala a piedosa voz o sino que se queixa,  
tremula vibração como afind d'endeixa  
inda no espaço carpe, inda se eleva ao ceo,  
brande, esmorece, esmaia, anecia e enfim morren.  
Agora nada... nada!... Escuto e nada escuto!  
o mar sombrio e quedo! a terra e o ceo em luto!  
e eu só como o ronciro entre funerio pó,  
eu só como a saudade e agora inda mais só!...  
que o som e companhia, e o sino dá conforto;  
ha vida em cada voz, só o silencio é morto.

*Thomas Ribeiro.*

### Desespero.

Ja não ha quem da novo mil-lis possa,  
Que os fozes, meu Deus, a fozir possa,  
*G. Dias.*

Ai! que eu não posso, Leonor sarraphica,  
Trauspor o espaço, como a rôla intrepida,  
Que cruel nos separa!  
Ai! que eu não posso como outr'ora tremulo  
Ter-te a meu lado, recitar-te os canticos,  
Que na mente sonhara.  
Ai! que eu não posso com a brisa candida  
Baixar-te as tranças, do teu seio mystico,  
Mysterios descobrir;  
Ai! que eu não posso, como d'antes, languido  
Em noites de harmonia, noites eclicas  
No teu collo dormir.  
Ai! que eu não posso, borboleta incanta,  
Queimar-me todo, dos teus olhos vividos,  
No fogo ahrasador;  
Gosar como goses já de teus labios  
O sorriso infantil, teal-os tímido  
C'o os meus, ebrio de amor.

Ai! que eu não posso! se pudesse—mystico  
Sera o meu viver, meus sonhos fervidos  
Despidos de illusões!  
Ai! que eu não posso, que o destino gelido  
Alivo intropõe carroira invicta  
Aos nossos corações.

1872.

A. Q.

## CHRONICA.

Desta vez a chronica é muito escassa.  
Os leitores—que se não queixem de  
man; não tenho culpa alguma do marasmo  
em que vae isto.

A culpa tiveram as chuvas, como verão  
no fim.

No entanto, começo por uma boa noticia:

Acha-se entre nós o Sr. Hermenegildo  
Liguory, celebre pianista brasileiro, ultimamente  
aplaudido na Europa, onde a arte tem o seu devido  
valor e onde não são os elogios veniaga, como succede  
em muitas partes do Brasil, onde a condescendencia  
e o interesse fabricam *artistas*.

A parte reduzida do publico, que comprehende  
o sublime da arte, lerá quanta satisfação de vel-o  
decifrar os segredos magicos e apaixonados de um  
piano, nos salões da sociedade—Limitada—do Sr.  
Luiz Claro Serra, com o auxilio da Exm.<sup>da</sup> Irmao do  
mesmo Sr. Serra e dos Srs. Estrella, Parga e Guignard.

Pedimos a concurrencia das familias illustradas  
ao concerto do joven artista—brasileiro—

—A estatua de Gonçalves Dias tem dado que  
fazer: Fulano quer assim, Beltrano quer assado—  
(eu sou da opinião deste ultimo)—um quer que a  
estatua não lhe dê as costas, porque acha que é  
incivilidade, outro deseja que se cumpram os  
desejos do Sr. Dr. Leal, e por fim ninguem sabe  
o que quer.

Na nossa opinião—a estatua devia estar  
n'um parafuso, que, por meio da mechnica,  
lhe fizesse dar um movimento de rotação em  
mota-contiuo. Assim, voltada, ora para o norte  
ou para o poente, sul ou nascente, ora para a  
Camboa ou para o mar, ora para o alpendre ou  
casa do Sr. Veiga, (*entre parenthesis* si fosse  
possivel aparranjar-se isso.)

Em fim, façam o que entenderem...  
*são brancas, lá se avenham.*

—O inverno tem estado rigoroso; razão  
pela qual vae esta chronica despida de  
interesse. Não pude, em vista das chuvas,  
andar á cata de novidades para o *Domingo*.  
Além disso a semana foi *matta que não deu coelho*.

Au revoir.

*Eloy, o heróe.*